

REVISTA LUSITANA

VOL. XXVIII

1930

N.^{os} 1-4

A LENDA DO CORAÇÃO COMIDO

Entre os trovadores provençais ha um que, embora pouco produtivo, a julgar pelo numero de canções que lhe são attribuidas, dez apenas, e d'essas ainda tres de autenticidade duvidosa, iguala todavia, se é que não excede em ternura e sentimento os que melhor souberam cantar o amor; é Guilherme de Cabestanh. Os seus versos, pela sinceridade que neles transparece e pelo tom vivo e ardente que os caracteriza, dão claramente a ver que foram escritos, sob o dominio de forte paixão, o que aliás é confirmado pelo que da vida do seu autor nos contam todas as quatro biografias que d'ele existem, as quais, embora escritas muito depois da sua morte, são bastante antigas. D'essas, cada uma mais pormenorizada do que a outra, apenas transcreverei a mais resumida, que todavia os criticos não julgam a mais antiga; diz ela assim:

«Guilhem de Cabestanh era um cavaleiro da comarca do Rossilhão, vizinha da Catalunha e da Narbenense; era formoso, muito bom cavaleiro e muito cortês. Havia na comarca uma senhora chamada Seremonda, mulher de Reimão, senhor do Castel de Rossilhão. Este era um homem muito rico e nobre, mas duro e mau, asselvajado e orgulhoso. E Guilhem de Cabestanh amava D. Seremonda, e cantava d'ela e fazia canções a seu respeito. E a dama, que era moça e nobre e formosa e agradável, amava-o mais que tudo. Isto chegou aos ouvidos de Reimão de Castel de Rossilhão, que enfurecido e cioso, ao saber que o que lhe haviam contado era verdade, fez vigiar a mulher e encerrou-a severamente.

E um dia Reimão de Castel-Rossilhão encontrou-se com Guilhem, que passava pouco acompanhado, e matou-o. Em seguida arrancou-lhe o coração e ordenou a um escudeiro que o levasse ao castelo.

Depois mandou-o assar e bem temperado de pimenta deu-o a comer a sua mulher. Depois que esta o comeu, o marido disse-lhe o que ela tinha comido, com o que ela perdeu a vista e o ouvido. Quando voltou a si, disse para ele: Senhor, destes-me tão bom manjar que nunca mais comerei outro.

Ao ouvir-lhe estas palavras, ele quis bater-lhe na cabeça com a espada, mas ela atirou-se da janela e morreu.»

A 2.^a redacção, além de contar uma circunstância que a 1.^a omite, isto é, que, para lhe provar que o que ela acabava de comer era o coração de Guilhem, o marido lhe mostrara a cabeça, tem mais este pormenor:

«A notícia correu pelo Rossilhão e por toda a Catalunha que o senhor Guilhem de Cabestanh e a dama tinham perecido assim desgraçadamente e que o senhor Reimão de Castel-Rossilhão tinha dado o coração do senhor Guilhem de Cabestanh a comer a sua mulher. E grande foi o dó que isso causou em todas aquelas comarcas, e a queixa chegou ao rei de Aragão, de quem dependiam os senhores Reimão de Castel-Rossilhão e de Guilhem de Cabestanh. E veio então a Perpinhão, em Rossilhão, e mandou vir á sua presença Reimão de Castel-Rossilhão. E, quando ele chegou, prendeu-o e tirou-lhe todos os castelos, que mandou deitar a baixo, e quantos bens possuía e fê-lo encerrar numa prisão. Depois ordenou que o corpo de Guilhem de Cabestanh, conjuntamente com o da dama, fossem levados a Perpinhão e metidos num moimento diante da porta da igreja. Fez depois escrever no moimento como os dois tinham morrido e ordenou que todos os cavaleiros e damas do condado de Rossilhão fossem todos os anos celebrar o aniversario da sua morte. E o senhor Reimão de Castel-Rossilhão morreu na prisão do rei.»

Nas restantes redacções nota-se a preocupação dos seus autores em citar a poesia que deu causa aos ciúmes do castelão e o motivo que levava o trovador a compô-la, isto é, saber que a sua dama, por suspeitas do marido, havia sido por ele encerrada numa torre, depois de lhe ouvir e sofrer palavras e acções muito desagradáveis. Nessa poesia, que começa por estas palavras:

Le dous cossire
Que'm don'Amors soven,

dizia o trovador:

Tot quan fas per temensa
Devetz em bona fey
Penre, neus quan no'us vey;

nisso viu o cioso marido a confirmação das suas suspeitas, pois realmente o poeta não podia ver o objecto da sua paixão.

Mas historia muito parecida com a que nos transmitiram as biografias do trovador provençal e referida a personagens diferentes vamos nós encontrar noutras partes. Assim:

Bocácio, na novela 9 do 4.º dia, ou seja na 39 do seu *Decamerone* conta historia identica de dois cavaleiros, chamados ambos Guilherme, mas apelidados um Rossiglione, outro Guardastagno. Pela fonte aonde a foi buscar, que revela nas palavras *secoudo que raccontano i Provenzali* de que se serve, vê-se claramente que, não obstante a leve alteração dos nomes dos dois homens e da omissão do da mulher, causadora da tragedia, se trata dos mesmos personagens, que figuram nas biografias de G. de Cabestanh.

Num livro intitulado *Comptes amoureux de Madame Jeanne Flore* e cuja edição mais antiga conhecida é a que se publicou em Lyon (França), segundo todas as probabilidades, pois não traz data, no ano de 1540 ou pouco antes, além da novela 8 do 5.º dia, ou seja, a de *Nastaglio degli Onesti* do citado *Decamerone*, o seu desconhecido autor intercalou tambem uma historia semelhante, que só diverge da contada pelo novelista italiano em fazer a condessa morrer de desgosto pelo que acaba de ouvir ao marido, desgosto tão profundo que, levando a mão ao coração, cai por terra sem vida.

Mas já antes, no romance em verso, intitulado *Le Châtelain de Couci*, composto, segundo parece, no fim do sec. XIII ou principio do XIV, conta-se uma historia muito parecida. Com efeito lá se diz que um cavaleiro, o que deu nome ao poema, se apaixonara por certa dama casada, tendo porém os seus amores sido descobertos pelo marido enganado, este, para afastar o seu rival, faz-lhe saber pela mulher que com ela tencionava acompanhar uma cruzada que estava a organizar-se em defesa dos lugares santos. O apaixonado, acreditando nestas palavras, cruza-se e parte para o Oriente, levando consigo umas tranças, que a sua amada lhe dera por ocasião da despedida, mas é ferido por uma lança envenenada num

combate com os serracenos. Achando-se meio restabelecido, embarca num navio de regresso á patria, mas durante a viagem, sentindo que a morte se aproximava, pede ao pagem, seu confidente, que, depois da sua morte, lhe tire o coração e com as tranças e uma carta que então escreve, tudo metido num cofre, entregue este á sua dama. O marido desta, que nunca pensara em tomar parte na expedição, dá um dia de frente, num atalho, com o mensageiro do cavaleiro, que já conhecia por seu confidente, sob ameaça de o mandar enforçar, obtem d'ele o cofre, tira de lá o coração, que entrega a um cozinheiro, recomendando-lhe que o prepare e sirva á dama somente. Esta acha a iguaria tão saborosa que estranha não a ter visto repetida. Ao que aquelle lhe replica que não era de admirar achar-lhe ela tanto sabor, pois era o coração do Castelão de Coucy o que acabava de comer, e, para prova, lhe mostra a carta, as tranças, e o cofre.

A resposta d'ela é identica á da condessa do Rossilhão, mas não se atira, como esta, da janela abaixo e morre puramente de dor, como a heroína da precedente narrativa. O marido faz-lhe solene enterro com receio da familia e depois dirige-se ao Ultramar, onde morre de tristeza.

Ainda historia parecida acha-se na Alemanha, referida ao trovador ou *minnsinger* Reinman von Brennenberg, que viveu no seculo XIII. D'ele se diz que, adorando a duquesa d'Austria, com aprazimento d'ela, a cantava em seus versos, sem revelar o seu nome, como verdadeiro poeta cortesão. Aconteceu-lhe, porém, um dia, ao falar de outra dama, na presença da marquesa, dizer que igualava em beleza á rainha de França. Semelhante expressão era então usual na Alemanha e servia, á laia de proverbio, de caracterizar a máxima formosura. A duquesa não gostou do dito e exigiu do seu adorador que fosse a Paris certificar-se da veracidade do que afirmara. Disfarçado em vendedora, ele conseguiu entrar no palacio real e chegar até junto da rainha, a oferecer a sua mercadoria; esta regateou no preço, mas não comprou. De regresso, embora convencido do contrario, disse á duquesa que ela era a mais bela. O marido que soube do caso por sua vez teve ciume do pobre trovador e a historia termina por forma já conhecida das outras versões.

Mas a referência mais antiga a esta lenda, na sua parte essencial, isto é, na vingança que o marido atraindo toma do seu rival, matando-o e dando depois o coração a comer á

mulher, encontra-se num romance em verso, composto na 2.^a metade do século XII por um poeta anglo-normando, de nome Thomas, sobre os amores de Tristão, onde se diz que a Iseu de brancas mãos, com o fim de minorar as saudades do seu amado, que não via desde muito, cantava ao som da harpa um *lais* no qual se dizia:

Coment dan Guirun fu supris,
Pur l'amur de la dame ocis,
Que il sur tute rien ama,
E coment li cuns puis dona
Le cuer Guirun a sa moillier
Par engin un jor a mangier
Et la dolur que la dame out,
Quant la mort de sun ami sout.

Acresce ainda que todas as versões concordam entre si na qualidade de poeta que dão á vitima do marido ciumento, apenas Bocácio e conseqüentemente a redacção francesa do século XVI a omitem, talvez, como pensa Hauvette, porque se cingiu não a um texto escrito, mas a uma tradição oral, que provavelmente ouvira a muitos senhores e damas da nobreza provençal com que conviveu em Napoles, onde passou parte da sua mocidade na corte de Roberto d'Anjou ⁽¹⁾.

Lenda muito parecida com a que anda ligada ao nome do trovador provençal, apenas com uma pequena diferença — subir a heroína a uma torre e precipitar-se d'ela — existe na Índia, onde foi, não ha muito, colhida da tradição oral, referente a Rosalu, um velho heroi do Punjab. Essa descoberta levou Gaston Paris, que a estudou, a dar á primitiva versão origem oriental, contrariamente á sua primeira opinião, que era pela celtica, de certo levado pela consideração de que tantas outras de lá vieram á Europa, transmitidas pelos árabes. Patzig, que d'ela tambem se occupou num estudo sobre G. Cabestanh, dá-lhe igualmente origem oriental, associando o Rossilhão da Provença com o indiano Rasalu, que identifica com Castel-Rosolho, no ducado de Rossilhão, perto do qual ha dois lugares chamados Capeatang e Cabestang. Na sua opinião, adaptado á geografia e nomenclatura local,

(1) *Romania*, XLI, pag. 189.

um conto de proveniência estranha, fez-se herói d'ele o trovador provençal, por ficar a sua morada nas vizinhanças do castelo de Rossilhão.

Mas pela mesma razão poderemos pensar o contrario, isto é, que o topónimo Rossilhão teria sido associado ao Rossalu da Índia e que portanto a emigração se fez do Ocidente para o Oriente, como pensa Hauvette, sendo seus importadores os muitos mercadores italianos que do fim do século XIII ao meado do XV, por meio da Persia, chegaram á Índia e até á China (1).

Lenda semelhante ás referidas encontra-se ainda no n.º 62 dos *Cento Novelle Antiche*, mas, acompanhada de aventuras picarescas, que em certo modo lhe diminuem o primitivo caracter trágico. Ai, o cantor apaixonado é substituído por um rustico potente que se presta aos desejos libidinosos das criadas de quarto de certa condessa e por fim aos d'esta propria, mas depois é morto pelo marido, que a todas manda em seguida servir o coração, que elas comem com prazer; sabedoras, porém, da verdade, não se matam, como as heroínas anteriores, mas morrem para o mundo, fazendo-se freiras e fundando um convento onde recebem com requinte de amabilidade os que lhes vão pedir pousada. Novela muito parecida com esta inseriu Boccaccio na 1.ª das quatro do 3.º dia do seu *Decamerone* a proposito das aventuras do jardineiro de certo mosteiro com as respectivas monjas e abadessa.

Ambas devem provir da mesma origem ou seja um laís, igualmente bretão, como o de Guirun, no qual se conta que um cavaleiro, chamado Ignaure, servia doze damas ao mesmo tempo e cujo coração e mais alguma cousa (2) foi dado a comer a todas, que tambem acharam o manjar muito saboroso, mas depois, quando informadas do que ele era na realidade, deixaram-se morrer de fome. Esta extravagante versão, que aparece já no século XII, deve, como a de Guirun, ter origem comum, naturalmente de data mais antiga do que aquela em que pela primeira vez aparece escrita. De igual proveniência,

(1) Cf. a revista citada, pag. 203 e 204.

(2) Hauvette (id. 193 n. 3) é de parecer que os *genitais* entrariam na mais antiga versão da lenda, mas que o espirito cavalheiresco os teria feito desaparecer como improprios do seu caracter refinado de cortesia.

a julgar da semelhança do nome, deve ser também uma lenda muito semelhante que a respeito de um trovador provençal, chamado Linaure, que parece ter sido contemporaneo de Cabestanh, conta Arnaldo Guilhem de Marsan nos seus *Ensenhamen*. Também de certa marquesa de Astorga do tempo de Carlos II se diz ter matado a amante do marido, a condessa de Aulnois, e dado a este a comer o coração da sua vítima, retirando-se depois para um convento onde endoideceu.

D'estas versões, de outra que vem referida nos *Sermones parati de tempore et de sanctis* (CXXIV) e ainda de um conto que sobre o mesmo tema compôs o poeta alemão Conrado de Wurtzburg, que faleceu em 1287, vê-se quam popular se tornou a lenda de que me estão ocupando e que ela ainda não desapareceu mostra uma cantiga existente na Suecia sob o nome de *Hertig Frojdenberg* e *Fröken Adelin*.

Em todas estas versões da mesma lenda um ponto ha em que todas concordam, é no coração do amante, depois de guisado, dado a comer pelo marido á adúltera, verdadeira ou suposta; no que diferem é na maneira como esta morre, depois de provar do macabro manjar e de o afirmar de excelente sabor, precipitando-se numas de uma janela ou de uma torre, finando-se noutras de puro desgosto. Pondo de parte as restantes personalidades que nela figuram, por me parecerem puramente fantásticas, vejamos aquelas cujos nomes pertencem á historia, ou sejam o Castelão de Couci, e os dois trovadores, o germano e o provençal. De *Guido*, o castelão (isto é, governador em nome do senhor do castelo), de *Couci*, que faleceu em 1203, é positivo que nada tem com a lenda que se lhe attribuiu; se o autor do romance em verso do mesmo nome o fez figurar aí, foi só no intento de poder intercalar nele algumas das suas canções. De *Reinman von Brunnenberg*, natural do pais de Ratisbona, cuja existência em 1283 se acha provada por documentos, consta que foi morto pelos seus compatriotas antes de 1276. *Guilhem de Cabestanh*, que tirou o seu apelido da povoação onde nasceu, no cantão de Perpinhão, sabe-se que em 1212 tomou parte com outros cavaleiros na batalha das Navas de Tolosa, contra os mouros da Andaluzia. Da sua pretendida amante Seremonda, antes Saurimonda de Peralada, existe o termo do seu casamento celebrado em 26 de Março de 1197, com Raimundo de Castel Rossello. Documentos posteriores, isto é, de 1210 a 1221, informam-nos ter ela contraído terceiras nupcias com Adhemar de

Mosset, cujo nome figura igualmente entre os combatentes de Navas de Tolosa.

Quando desposou Raimundo de Rossello, já ela era viuva de Ermengaud de Vernet, como viuvo era ele também e, além d'isso, pai de um filho, de nome Bernardo, que por essa ocasião deveria não ser criança, visto figurar no dito termo como dando o seu consentimento ao segundo matrimonio do seu progenitor. Acrescente-se ainda que o rei Afonso II de Aragão, que se diz ter castigado Raimundo, faleceu em 1196, portanto um ano antes da data do segundo casamento de Sau-rimunda. D'aqui se infere ter o trovador com a sua suposta amante, em contrario do que diz a lenda, sobrevivido ao que ela faz castigador do marido d'esta.

É certo que as biografias dos trovadores provençais, se por um lado conteem factos de pura imaginação, por outro dão informes seguros acerca da sua condição social, patria, relações, etc. Ora, entre as canções de Guilhem de Cabestanh ha duas que são dedicadas a um personagem chamado Raimon. Seria este o senhor de Castel Rossello? Mas, perante a historia é impossivel, como acabamos de ver, a associação das tres personagens que figuram na lenda, a não ser que tivesse havido confusão entre elas. Vejamos. Entre os cavaleiros do condado de Rossellon, que, acaudelados por D. Fernando, irmão do rei d'Aragão, combateram em Navas de Tolosa figura um de nome Guillen de Cabestany. Mas em documento datado de 1162 aparece um *Guillelmus de Cabestan*, que não pode ser o mesmo individuo, pois de contrario teríamos de admitir que ele, pelo menos octogenario ou quasi, se aos 50 anos que medeiam entre as duas datas ajuntarmos mais de 20, a meu ver, o minimo da idade indispensavel para figurar num acto publico, ainda tinha forças para desempenhar a ardua tarefa de combatente e de mais a cavallo. Não será antes este o poeta, como tudo leva a crer? Neste caso o que d'ele se conta podia muito bem cair no reinado de Afonso II, rei de Aragão, que governou de 1162 a 1196. Quanto ás duas restantes personagens, afigura-se-me que entrariam na lenda por associação ou confusão de nomes, attribuindo-se-lhes o que se passara com outros, talvez por serem os seus nomes mais conhecidos ou por outra circumstancia qualquer. Não se daria o caso de Raimon das cantigas, evidentemente protector ou amigo do trovador, ser um desconhecido da historia e depois ter-se confundido com outro bas-

tante notório, como parece haver sido o segundo marido de Saurimonda de Peralada?

Da mesma maneira poderá talvez argumentar-se a respeito do trovador germano. Não me parece provavel que aos dois poetas se tenha attribuido destino igual ao do lendario Guiron do lais bretão, só porque ambos, por um lado, exerceram profissão identica, pois é de crer que o heroi da ficção celtica fosse tambem poeta e cantor como tantos outros que, acompanhando-se principalmente da harpa, percorriam na Idade-Media as cortes de Inglaterra e França, cantando historias maravilhosas, por outro, imprimiram ás suas trovas a ternura e melancolia que caracterizam em geral as composições oriundas do outro lado da Mancha.

Mas aquilo que, por assim dizer, constitui a medula da lenda, isto é, o coração do amante, dado a comer á sua amada pelo marido, que assim vinga a desonra, real ou suposta, recebida da mulher, deve ter-se dado mais de uma vez e de certo muito antes da sua attribuição a certos e determinados individuos. É possivel que o que se disse de um tivesse sido applicado a outros, como provavel é tambem que a lenda fosse com o tempo recebendo novos acrescentos e que, na sua forma mais simples, comprehendesse apenas o assassinato do pretenso culpado. Não me repugna, porém, a crer que ela se tivesse realizado na pessoa dos dois trovadores a que a tradição a ligou, embora não pela forma por que conta; essa é que poderá ter sido tomada d'outras lendas; como em todas, no fundo d'esta deve existir alguma coisa que, fixada na mente da respectiva geração, foi pelas que se lhe seguiram revestida de circumstancias a principio desconhecidas. Em todos os tempos a vingança se albergou no coração dos homens ou mulheres e, sempre que se originou no ciume, revestiu character mais sanguinario do que, quando resultante d'outro qualquer facto. Haja vista, já em idades puramente mitologicas, o sinistro banquete, memorado pelo nosso poeta, no qual:

..... Tiestes
... os filhos por mão de Atreu comia

e recorde-se o que o mesmo diz, quando, referindo-se a Medea, que, para se vingar dos novos amores de Jasão, mata os filhos que d'ele houvera, depois de ter envenenado a sua rival e, falando de Progne que a Tereo, seu marido, deu a comer o

pequenino Itis, em castigo da violencia que ele exercera sobre sua irmã Filomela, verbera a magia da primeira e a crueldade da segunda, que se vingara nos proprios filhos.

Da maldade dos pais, da culpa alheia:

Não ha, por assim dizer, pagina da historia em que a vingança amorosa não esteja gravada e quasi não se passa dia algum que ela se não patenteie por actos mais ou menos ferozes. Se assim foi, é e ha de ser, emquanto no mundo houver homens e mulheres, não vejo realmente motivo para que se negue autenticidade ao que se conta, sobretudo dos dois trovadores, o provençal e o germano.

Analisemos agora o facto em si. Na sua essencia relaciona-se ele com a antropofagia, que em geral era e é uma das características dos povos bárbaros; depois com a crença, existente nalguns, derivada de certo da ideia de ser esse órgão a sede dos sentimentos, de que, comendo-se o coração de um individuo, dotado de qualidades distintas, sobretudo de valentia, estas se transmitiam por esse modo. Foi, conformando-se com essa crença, que o trovador mantuano Sordel, em um pranto que compôs á morte do seu amigo Blacatz, aconselhava a comer d'ele quantos reis e barões julgava falhos das virtudes que devem caracterizar o perfeito cavaleiro, dizendo assim:

C'om li traga lo cor e qu'en manjo l baro
que vivon descorat: pueys auran de cor pro
Premiers manje del cor.....
l'empeiraire de Roma.....
e deseguentre lui manj'en lo reis frances.
Del rei engles me platz, car es pauc coratjos
que manje del cor pueys er valenz e bos
.....
Del rei d'Arago vuelh del cor deia manjar
.....
Al comte de Toloza a opos qu'en manje be.

Na primeira das Novelas do 4.^o dia do já citado *Decamerone*, o principe de Salerno, depois de matar o amante da filha, manda-lhe numa taça de ouro o coração que por ela tantas vezes palpitara d'amor, cevando nele por esse motivo todo o seu odio. Se o nosso D. Pedro mandou arrancar os

corações aos assassinos de D. Inês de Castro, fê-lo provavelmente por que os considerava como impulsores do feito que eles haviam praticado.

A motivo idêntico attribuo eu a vingança exercida sobre os seus rivais pelos que as lendas dão como maridos atraídos, mas outro sentimento deve ainda tê-los impulsionado, ao darem a comer os corações d'eles ás suas consortes. Procedendo assim, era talvez ideia sua fartá-las d'amor, acumulando ao que elas já tinham o que se encerrava na iguaria que lhes apresentavam e todas acharam saborosa em extremo, como não podia deixar de ser, visto tratar-se em especial de um órgão no qual estivera em vida concentrado todo o affecto de que haviam sido alvo.

Nascida certamente em data muito anterior áquella em que primeiro nos aparece escrita, e quiçá referida a determinado individuo em que se teria realizado, a lenda estendeu-se depois a outros, ou porque neles se verificou ou por simples fantasia de quem depois lha attribuiu, talvez por se lhe depa- rarem quaesquer pontos de contacto entre ambos, ou ainda por qualquer outro motivo que desconhecemos por completo.

J. J. NUNES.